



## **A viagem das ideias e o processo de inferiorização do outro estrangeiro na migração venezuelana para Roraima**

*Gersika do Nascimento Bezerra*

Mestranda do Programa de Pós-Graduação Comunicação, Cultura e Amazônia,  
[gersika.bezerra@gmail.com](mailto:gersika.bezerra@gmail.com), Universidade Federal do Pará

*Manuel José Sena Dutra*

Professor orientador do Programa de Pós-Graduação Comunicação, Cultura e Amazônia, [dutra.manuel@gmail.com](mailto:dutra.manuel@gmail.com), Universidade Federal do Pará

### **Palavras-chave:**

Ideias, crise venezuelana, audiência, discurso.

Há alguns séculos algumas ideias percorrem espaços próximos ou distantes, ligando pessoas e épocas, tornando-se predominantes e influenciando o modo de ver, sentir, agir e pensar dos homens. Entre essas ideias, está a de que o “outro”, o estrangeiro, é um ser inferiorizado em relação à capacidade física e/ ou mental, social. Este estudo faz uma discussão a partir do texto “A viagem das ideias”, de Renan Freitas Pinto, traçando uma relação entre as ideias formadas sobre os povos do Novo Mundo e os migrantes que atravessam fronteiras no mundo contemporâneo em busca de melhores condições de vida, nesta pesquisa, especificamente, os venezuelanos que migraram a Roraima para fugir da crise econômica, política e social que abala seu país de origem. Para pensarmos sobre uma temática tão complexa e abrangente como esta, fez-se necessário delimitarmos nossa pesquisa às notícias do G1 Roraima, publicadas no ano de 2016, para lançarmos nosso olhar a um caso em particular: a midiaticização dos processos migratórios dos venezuelanos para Roraima e a forma como a audiência se refere ao estrangeiro venezuelano por meio da análise dos comentários nestas notícias. Estima-se que 50 mil pessoas atravessaram a fronteira do extremo norte do Brasil e que cerca de 7,5% da população de Boa Vista, capital de Roraima, seja formada por migrantes. Para tanto, apoiamos esta pesquisa em estudos de pesquisadores como Pinto (2005), Montaigne (2007), Campos (2010?), e Dutra (2001, 2009).

## 1. Introdução

“Com o presente título queremos sugerir que as ideias, ao percorrerem espaços próximos e distantes, conectando homens e épocas, possuem, em determinadas situações especiais, em certos momentos singulares, a capacidade de se imporem como o sistema de pensamento predominante, a partir do qual se passa a sentir, a agir e a perceber o mundo das coisas e dos homens. Há também as situações em que as ideias perdem seu impulso original em momentos desfavoráveis à sua propagação, extraviam-se e são eclipsadas” (PINTO, 2005).

O primeiro parágrafo do texto *A viagem das ideias*, do cientista social Renan Freitas Pinto, já nos leva a refletir sobre como algumas ideias são repassadas de século a século, mantendo pensamentos dominantes, muitos imbuídos de preconceitos, e que levam a sociedade a adotar certos padrões de comportamento diante do pensamento social consolidado.

O texto refere-se às ideias que são trazidas sobre a visão do Novo Mundo, recém “descoberto” por meio das grandes navegações ocorridas a partir do século XVI, especialmente a Amazônia brasileira. Nele, o autor apresenta como essas ideias antigas se perpetuaram e permanecem vivas até os dias atuais. Assim, busca “mapear, no trajeto do pensamento moderno, as origens das noções que separam o mundo por meio de noções preconceituosas” (PINTO, 2005).

Entre essas ideias, estariam as de superioridade branca e europeia, em relação aos povos indígenas, negros e mestiços, supostamente mais frágeis e com intelecto pouco desenvolvido, que realimentam constantemente o senso comum chegando até os dias atuais. Isso porque o outro, o estrangeiro, encontrado no Novo Mundo, possuía características físicas, sociais e culturais diferentes dos europeus que navegaram até a Amazônia.

Buscamos neste artigo, traçar uma relação desse outro inferiorizado no período da descoberta do Novo Mundo, cujas ideias percorreram os séculos e persistem atualmente, e o estrangeiro, migrante venezuelano, que chega a Roraima fugindo da crise social, política e econômica que atinge seu país de origem e que, ao chegar no Brasil, acaba sendo inferiorizado por ter “permitido” que o governo da Venezuela deixasse o país chegar ao ponto de não ter mais alimentos e remédios, com isso sofrendo preconceito e atos de xenofobia.

Essa relação é feita a partir da leitura do texto de Renan Freitas Pinto e dos comentários contidos na reportagem “Em 7 meses, nº de pedidos de refúgio de venezuelanos cresce 110% em RR<sup>1</sup>”, publicada em 12 de julho de 2016, no portal G1 Roraima, veículo de comunicação web. Escrita pelos Emily Costa e Jackson Félix, a notícia contou com 63 comentários dos leitores.

A reportagem foi escolhida devido a necessidade de limitarmos nosso campo de observação, tornando-o possível, diante do grande número de notícias veiculadas desde o início de 2016 sobre a migração venezuelana. Também foi escolhida por se tratar de um balanço da migração, contendo informações relevantes para a feitura deste artigo. Levantamento feito pela pesquisadora, demonstra que foram publicadas 84 reportagens nos anos de 2016 e 2017, somando 5.380 comentários.

## **2. A viagem das ideias do Novo Mundo aos dias atuais**

Para podermos traçar essa relação, faz-se mister apresentar uma breve abordagem sobre o pensamento social formado desde o Novo Mundo sobre a Amazônia e a população local, a partir do texto A viagem das ideias. Para isto, Renan Freitas Pinto nos lembra que é necessário retomarmos leituras de autores centrais do pensamento moderno, como Montaigne e Buffon (2005).

Conforme o autor, é importante ressaltar que na perspectiva do europeu a organização cultural dos países americanos era vista como um prolongamento da Europa, ou seja, o mundo era interpretado a partir dos valores do ocidente europeu.

“Ao mesmo tempo, esse pensamento político construía a própria noção de Estado tendo como ponto de partida o cenário da vida selvagem e do estado de natureza, criada a partir da imagem do Estado nacional europeu, em contraste com as formas de organização política características dos povos do Oriente, das terras exóticas, dos reinos de tiranos. Com inúmeras gradações, o mundo fora da Europa abrigava desde as terras dos selvagens – dos bons selvagens – até aos domínios onde não se apresentavam sinais do que podia ser visto e identificado com sociedade civil” (PINTO, 2005).

---

<sup>1</sup> Disponível em: <http://g1.globo.com/rr/roraima/noticia/2016/07/em-7-meses-n-de-pedidos-de-refugio-de-venezuelanos-cresce-110-em-rr.html>. Acesso em: 16 de junho de 2018.

Ao abordar o selvagem brasileiro, no entanto, Michel de Montaigne (1533-1592) inaugura um ponto de vista relativista, além de acusar seus contemporâneos de eurocentrismo e etnocentrismo. Escrito no século XVI, o ensaio *Dos Canibais* é considerado uma obra de grande notoriedade. Pois, ao contrário da maioria dos autores da época, Montaigne faz uma reflexão sobre a inferioridade imposta aos selvagens do Novo Mundo e também coloca o europeu como selvagem, bárbaro.

O título *Dos Canibais* é uma referência ao costume antropofágico dos índios tupinambás brasileiros – de matar e comer o inimigo capturado na guerra, considerado um ato de coragem e virtude. No entanto, o autor levanta a questão sobre esse ato ser tão bárbaro quanto os atos praticados pelos europeus, referindo-se à Inquisição e às Cruzadas, de queimar pessoas vivas e matar em nome da religião, por exemplo.

“(...) creio que não há nada de bárbaro ou de selvagem nessa nação, a julgar pelo que me foi referido; sucede, porém, que classificamos de barbárie o que é alheio aos nossos costumes; dir-se-ia que não temos da verdade e da razão outro ponto de referência que o exemplo e a ideia das opiniões e usos do país a que pertencemos. Neste, a religião é sempre perfeita, perfeito o governo, perfeito e irrepreensível o uso de todas as coisas. Aqueles povos são selvagens na medida em que chamamos selvagens aos frutos que a natureza germina e espontaneamente produz; na verdade, melhor deveríamos chamar selvagens aos que alteramos por nosso artifício e desviamos da ordem comum. Nos primeiros, as verdades são vivas e vigorosas, e as virtudes e propriedades mais úteis e naturais do que nos últimos, virtudes e propriedades que nós abastardamos e acomodamos ao prazer do nosso gosto corrompido. E, todavia, em diversos frutos daquelas regiões, que se desenvolvem sem cultivo, o sabor e a delicadeza são excelentes ao gosto, comparando-os com os nossos” (2007).

Assim, Montaigne esclarece que “classificamos como *barbárie* o que é alheio aos nossos costumes” (2007) [grifo do autor], ou seja, aquilo que é estranho para nós e que mostra a ignorância perante o desconhecido. Para além disso, Montaigne ressalta os costumes dos povos considerados selvagens, do Novo Mundo, de viverem em comunidade, consumirem apenas o necessário e terem uma sociedade livre de doenças, ao contrário do que ocorria na Europa.

“Vivem numa região do país muito aprazível e tão saudável que, segundo me dizem meus testemunhos, é raro encontrar-se lá uma pessoa

doente; e asseguram-me também que nunca lá viram gente com tremuras, nenhum remelento, desdentado ou vergado sob o peso da velhice” (2007).

Ao final do ensaio, Montaigne escreve “em tudo o que aí fica dito não há nada de mau; o que há é que esta gente não usa calções” (2007). O autor demonstra que na essência não há diferenças entre índios e europeus. O que existe são opiniões e pontos de vista diferentes, uma vez que cada um parte de uma perspectiva a partir de sua própria cultura.

Dois séculos depois, porém, as ideias sobre a inferioridade da população amazônica continuaram viajando, sendo encontradas pelo Conde de Buffon Georges-Louis Leclerc (1707-1788). Naturalista, Buffon desenvolveu a Teoria da Degeneração das Espécies Animais na América, onde acreditava que as espécies animais eram diferentes no Velho Mundo e no Novo Mundo. Neste último, os animais eram em alguns aspectos inferiores ou debilitados.

Segundo destaca Rafael Dias da Silva Campos (2010?) ao analisar a obra de Buffon: “Depois de detido exame das espécies conclui que, graças a um processo de degeneração, as espécies do Velho Mundo transformaram-se naquilo que é encontrado no Novo”. Ou seja, o naturalista conclui que os animais da América são mais debilitados devido a “alguns impedimentos ao crescimento da natureza viva” e “são, até, dez vezes, menores que os animais do Velho Mundo” (CAMPOS, 2010?).

“Buffon é um pensador que teve suas idéias largamente aceitas sobre o Novo Mundo e desempenhou um papel destacado na construção da identidade europeia e de concepções científicas que foram centrais na formação do pensamento científico moderno. A imagem que produz do Novo Mundo a partir de seus escritos é fortemente marcada pela noção de que existe um condicionamento geográfico e climático que limita a plena evolução do Novo Mundo aí incluídas vida animal, vegetal e humana” (PINTO, 2005).

Além dos animais, Buffon descreveu o homem da América como um ser inferior, “esparso e errante; onde, longe de usar, como mestre, este território que é seu domínio, não exerce império algum” (BUFFON apud CAMPOS, 2010?). Assim, os homens eram selvagens que, de forma geral, não se diferiam das demais espécies de animais da América. Para o Conde de Buffon até o ambiente e o clima na América era nocivo à saúde, o que causava a degeneração das espécies.



Por fim, Renan Freitas Pinto (2005) fala sobre como os antigos conceitos e preconceitos viajam na forma de ideias, chegando até os dias atuais, sendo possível observar traços, principalmente em minorias, como os diversos povos da Amazônia e em um país tão diverso como o Brasil.

“Por outro lado, pretendíamos também ressaltar o sentido que existe para uma compreensão mais satisfatória dos modos pelos quais a Amazônia e o próprio Brasil têm sido pensados e interpretados tendo como ponto de partida um núcleo perfeitamente identificável de idéias, noções, conceitos e preconceitos que constitui o fundamento dessas obras. É necessário descobrir e compreender como suas idéias surgem, se investem de significação e percorrem os espaços reais e imaginários da vida da sociedade” (PINTO, 2005).

Como ficou demonstrado, há muitos séculos algumas ideias reforçam conceitos e preconceitos sobre o outro, que possui cultura diferente, chegando até os dias atuais, mesmo que de formas e em graus diferentes.

### **3. O “outro” em Roraima**

#### *3.1 - A imigração venezuelana*

Antes demonstrarmos os resultados da pesquisa, faz-se necessário contextualizar a migração venezuelana para Roraima. Localizado no extremo Norte do Brasil, o Estado integra a região de fronteiras do País, sendo a unidade da federação brasileira que tem maior proximidade com a Venezuela e a única cuja capital está totalmente acima da Linha do Equador. Essa aproximação geográfica permite que o Brasil mantenha relações diretas com o governo venezuelano, bem como possibilita o intercâmbio cultural entre os povos das duas nacionalidades.

Entre as principais relações entre os dois países estão: o acordo bilateral entre os governos brasileiro e venezuelano, para o fornecimento de energia elétrica para Roraima, com operação comercial desde 2001; o turismo dos dois lados da fronteira, sendo mais intenso o fluxo de brasileiros para as praias do caribe venezuelano; a relação comercial entre as cidades fronteiriças, Pacaraima do lado brasileiro e Santa Elena de Uairén na



Venezuela; e a comercialização de gasolina em um posto exclusivo para brasileiros instalado do lado venezuelano em janeiro de 2017, onde o combustível é vendendo a valor bastante inferior ao valor comercial brasileiro e superior ao venezuelano, na tentativa de diminuir o contrabando do produto.

Todas essas relações, favorecidas pela proximidade geográfica e fácil acesso por meio de boas estradas, permitem que os povos das duas nacionalidades tenham diversas afinidades. Várias famílias brasileiras vivem do lado venezuelano, bem como é possível encontrar no Brasil pessoas com parentesco na Venezuela. Nas escolas da rede pública de ensino, os alunos têm aulas de Língua Espanhola e de inglês (ensinado no restante do país), pois Roraima também faz fronteira com a República Cooperativista da Guiana.

Porém, essa boa relação bilateral começou a ser abalada após o agravamento da crise política, econômica, social da Venezuela, a partir de 2013, no governo do presidente Nicolás Maduro.

A República Bolivariana da Venezuela é reconhecida pelas suas grandes reservas de petróleo e gás natural, descobertas no início do século XX, na década de 1920. Importante para a economia do país, o setor petrolífero representa cerca de um terço do PIB, aproximadamente 80% das exportações e mais da metade do orçamento governamental (RODY, 2017).

Até então, a Venezuela era um exportador subdesenvolvido de commodities agrícolas, como café e arroz, não sendo autossuficiente em grande parte dos setores agrícolas. A descoberta do petróleo e a exploração comercial deste recurso, mudou o cenário econômico desse país que é o sétimo maior produtor do mundo. Mesmo sendo um país rico em belezas e recursos naturais, a Venezuela era “um país estagnado, de inflação elevada, muito desigual e com elevado índice de pobreza” (PAIVA, 2017).

Com uma economia extremamente dependente da exploração petrolífera, a Venezuela viveu momentos áureos durante o boom do petróleo, como descreve Paiva. O presidente socialista Hugo Chávez desenvolveu políticas sociais para reduzir os índices de pobreza (de 43,9%, em 1998) e má distribuição da renda.

“Politicamente, a saída enfrentada pelo chavismo foi radicalizar as políticas voltadas à redução da pobreza e melhora da distribuição de renda. Devido a essas políticas, em 2012 a pobreza foi reduzida para 21,1% dos domicílios, sendo 6,0% abaixo da pobreza extrema” (PAIVA, 2017).

No entanto, a dependência da Venezuela ao comércio petrolífero e a desvalorização desse mercado, somados aos já altos índices de inflação do país e à transição do governo de Chavez, com sua morte em 2012, para o presidente eleito Nicolás Maduro acarretou na pior crise da história do país, gerando desabastecimento de alimentos e remédios e impactando profundamente na sociedade venezuelana.

“Índices econômicos baixíssimos, instabilidade política e violência são alguns dos componentes desse mosaico. (...) No meio da disputa está o povo, que sofre com a crise de abastecimento, sem produtos de primeira necessidade e com a escalada da violência, com o número de mortos disparando, principalmente nos embates entre os pró-governistas e os seus opositores” (RODY, 2017).

A crise política, econômica e social foi agravada em 2013 e, desde então, vem resultando em um êxodo da população venezuelana que busca melhores condições de vida em outros países. Aqueles que tinham mais recursos transferiram suas vidas para países da Europa, em especial a Espanha devido ao vínculo colonial e ao idioma, e para os Estados Unidos da América (EUA). Porém, a população mais afetada com a crise e, conseqüentemente mais pobre, levou mais tempo para começar a buscar uma rota para fugir da crise. Boa parte cruzou as fronteiras do país com a Colômbia e o Brasil.

No Brasil, a migração massiva ocorre por meio da fronteira terrestre. Os venezuelanos ingressam no país por Roraima, onde procuram por emprego, para conseguir recursos para comprar alimentos e remédios. Mesmo habituados com a proximidade geográfica e o contato com os estrangeiros, os roraimenses viram ocorrer algo diferente no Estado. Isso porque as cidades não contavam com estrutura suficiente para receber um contingente significativo de imigrantes.

Estima-se que 50 mil pessoas atravessaram a fronteira do extremo norte do Brasil. Metade dos estrangeiros foi para Boa Vista, 25 mil, conforme mapeamento feito pela Prefeitura municipal divulgado em junho deste ano, o que representa 7,5% da população da Capital.

O mapeamento conclui o perfil dos refugiados em Boa Vista:

- 98% dos imigrantes em Boa Vista são venezuelanos, sendo que 74% tem entre 15 e 60 anos;
- 57% são homens; 82% dos chefes de família pretendem trazer seus familiares que estão na Venezuela;





- 65 % são solteiros e desses, 60% são mulheres, 22 % são crianças até 11 anos;
- 43% possui cartão do SUS e 73% foram vacinados no Brasil;
- 81 % trabalharam na Venezuela mesmo que informalmente,
- 68% perderam o emprego nos últimos 3 anos, o que evidencia que são mão de obra economicamente ativa;
- 65% estão desempregados em Boa Vista, sendo que 90% destes não recebem nenhum tipo de ajuda;
- 10% moram em espaços públicos (PMBV, 2018).

Com a falta de emprego, muitos venezuelanos começaram a viver em situação de rua em Boa Vista, capital de Roraima, e Pacaraima, cidade mais ao Norte, na região de fronteira. Para conseguir recursos, muitos se tornaram pedintes ou faziam serviços como limpar para-brisas de carros e vender produtos nos semáforos. Assim, o povo roraimense passou a se dividir entre atos de solidariedade e xenofobia.

### 3.2 O estrangeiro em Roraima

Diante da contextualização acima, seguimos para a análise. Porém, para pensarmos sobre uma temática tão complexa e abrangente como esta, precisamos delimitar nossa pesquisa, para lançarmos nosso olhar a um caso em particular: a midiaticização dos processos migratórios dos venezuelanos para Roraima e a forma como a audiência se refere ao estrangeiro venezuelano por meio da análise dos comentários nestas notícias.

Levantamento feito pela pesquisadora, demonstra que foram publicadas 84 reportagens nos anos de 2016 e 2017, somando 5.380 comentários. Como tal universo seria impossível de se analisar em um espaço limitado como este artigo, e compondo o *corpus* de uma dissertação de Mestrado ainda em andamento, restringimos este estudo aos comentários contidos na reportagem “Em 7 meses, nº de pedidos de refúgio de venezuelanos cresce 110% em RR<sup>2</sup>”, publicada em 12 de julho de 2016, no portal G1 Roraima, veículo de comunicação web. Escrita pelos jornalistas Emily Costa e Jackson Félix, a notícia contou com 63 comentários dos leitores.

---

<sup>2</sup> Disponível em: <http://g1.globo.com/rr/roraima/noticia/2016/07/em-7-meses-n-de-pedidos-de-refugio-de-venezuelanos-cresce-110-em-rr.html>. Acesso em: 16 de junho de 2018.

A reportagem foi escolhida devido a necessidade de limitarmos nosso campo de observação, tornando-o possível, diante do grande número de notícias veiculadas desde o início de 2016 sobre a migração venezuelana. Também foi escolhida por se tratar de um balanço da migração, contendo informações relevantes para a feitura deste artigo.

Como parte da metodologia, partimos da análise empírica dos comentários produzidos na referida reportagem do G1 Roraima acerca da migração. Isto nos permitiu descobrir que sentidos são elaborados acerca do tema da imigração recente para o país. Assim, criamos cinco categorias para melhor visualizarmos os 63 comentários publicados na notícia: comentários A, que denegriam de alguma forma os estrangeiros migrantes; comentários B, estritamente referentes à política e/ou ao governo brasileiros; comentários C, que denegriam os venezuelanos e também faziam referência ao governo e à política do Brasil; comentários D, positivos sobre a migração; e comentários E, sem categoria (com comentários neutros ou que não faziam referência à migração venezuelana).

Os comentários ficaram assim distribuídos:

<b>Tipo de comentário</b>	<b>Quantidade</b>	<b>Percentual</b>
A	20	31,75%
B	18	28,57%
C	12	19,05%
D	4	6,35%
E	9	14,28%
<b>Total</b>	<b>63</b>	<b>100%</b>

Tabela elaborada pela pesquisadora (junho/ 2018).

Entre os comentários, focamos na categoria A (que denegriam de alguma forma os estrangeiros migrantes), por ser o objeto central dessa pesquisa. Porém, os números deixam evidenciados de como a visão positiva a respeito da migração ainda é bastante ínfima (6,35%). Dentro do universo dos 20 comentários, recortamos 50% (10 comentários) para evidenciar como a viagem do pensamento social sobre o outro é

demonstrada nos dias atuais por meio da participação dos leitores das notícias com opiniões sobre os estrangeiros no Brasil.

Frases como “meu na boa *se fosse gente boa com alto grau de instrução que fosse beneficiar o nosso país legal* mas e um *bando de analfabeto sem qualificação* nenhuma... sem vaga nos nossos predios xooooo...vai luta pra melhorar o seu país...vem acaba com o nosso ja nao ta prestando...” (sic) e “Não podemos aceitar. Aqui já não tem emprego pra gente imagina pros outros agora imagina *termos que sustentar agora os imigrantes no bolsa família*. Mandem eles voltarem e tirem o maduro do poder” (sic) [grifos nossos], demonstram que os venezuelanos não são bem-vindos em Roraima por serem analfabetos.

Outras ampliam essa recusa ao estrangeiro ao Brasil: “Não conseguem resolver nem os problemas de seus próprios filhos (brasileiros), agora vem o vizinho tomar sopa com a mesma colher... o ultimo fecha a porta...” (sic); “Deveria serem barrados, quando brasileiro entra lá no país deles é humilhado, assaltado e muitas vezes assassinados pela guarda nacional da Venezuela. e a mídia faz vista grossa sobre isso. Até empresário já foi assassinado lá, e por isso mesmo ficou” (sic); “Por aqui no puxadinho da Venezuela não está muito diferente !” (sic).

Alguns dos comentaristas expõem que o Brasil não tem condições sociais de receber os estrangeiros de forma geral: “Já temos problemas demais com desemprego, favelamento, miséria, corrupção, saúde, educação e segurança.. Pagamos impostos monstruosos. Se tudo isso não bastasse, temos ainda que nos preocupar com *haitianos, venezuelanos, bolivianos, paraguaios e outras pestes mais*. Sou contra a entrada dessas raças no Brasil. Nós só podemos doar aos outros, aquilo que nos sobra em casa. O que não é caso do Brasil” (sic); “Tem a questão do custo para os brasileiros. Somos nós que pagamos através de nossos impostos para custear saúde, educação etc. Esse cidadão irá disputar um leito de hospital e uma vaga na escola com seu filho sem nunca ter contribuído para isso” (sic) [grifo nosso].

Outros aceitam a migração de venezuelanos pode serem oriundos de um país vizinho ao Brasil em repúdio aos demais imigrantes que não tem relações fronteiriças: “Faz sentido. Os venezuelanos são nossos vizinhos. O que não se explica é a migração de africanos e haitianos para serem camelôs em Porto Alegre e cruzando a fronteira no Acre. Coisa totalmente absurda” (sic). Porém, ainda a migração dos vizinhos é criticada devido à grande quantidade de pessoas que chegam ao país: “Acre e Roraima são portas de entradas para haitianos e agora venezuelanos , fora os bolivianos e colombianos que

infestam a cidade de SP . Dizem que coração de mãe sempre cabe mais um , mas do jeito que tá , é capaz da nossa mãe pátria se infartar" (sic).

Porém, para alguns dos brasileiros que comentaram na reportagem, não problemas na migração desde que os migrantes não se desloquem para a regiões Sul e Sudeste do país: “Poxa não acredito, agora são mais esses, daqui a pouco pegam ônibus pra SP, e pro Sul. Não temos empregos nem pra gente. Aqui em Florianópolis está abrindo um novo atacadista e as filas chegam há km, agências, sine etc estão a mesma coisa” (sic).

No entanto, o Perfil Sociodemográfico e Laboral da Imigração Venezuelana no Brasil apresenta alguns dados que vão de encontro ao que os comentários explicitaram na reportagem.

Com relação à escolaridade, os migrantes venezuelanos em Boa Vista apresentam altos índices de educação formal. 28,4% do total possuem ensino superior completo, somados aos 3,5% que possuem Pós-Graduação, esse percentual sobe para 31,9% os migrantes que possuem, pelo menos, ensino superior completo. 30,5% do total possuem pelo menos ensino médio completo, o que totaliza 78% do total dos migrantes venezuelanos em Boa Vista com pelo menos ensino médio completo. As porcentagens de ensino médio incompleto, ensino fundamental (completo e incompleto) e analfabetos somam o restante, ou seja, 22%. (SIMÕES, 2017).

Outros dados do Perfil demonstram que a maioria dos migrantes é formada por jovens de 20 a 39 anos em fase laboral (72%) e solteiros (53,8%) que se deslocaram para Roraima com o objetivo de fugir da crise política e econômica (76,4% do total), em busca de emprego (12,3%). E, em menor grau, em busca de serviços de saúde (0,8%) e educação (1,9%) (SIMÕES, 2017).

Tais comentários explicitam o quanto algumas ideias sobre o outro, neste caso os estrangeiros venezuelanos, viajam durante séculos e permanecem até os dias atuais, caracterizando-os como analfabetos e com baixo grau de instrução ou que chegam ao Brasil com o intuito de se beneficiarem da saúde e da educação, enquanto que muitos possuem alto grau de escolaridade e chegam ao Estado em fase laboral, podendo-se somar a força de trabalho e contribuir para o desenvolvimento nacional.

#### **4. Considerações finais**



Por fazer parte de uma pesquisa que ainda está em andamento, e em seu início, esses dados podem ser confirmados ou totalmente alterados. No entanto, é possível perceber como, mesmo depois de séculos, algumas ideias sobre o outro, que tem uma cultura diferente, ainda permanecem no pensamento social.

Resta a nós, pesquisadores, demonstrarmos tais dados para conseguirmos fazer uma mudança gradual do pensamento coletivo, predominante, fazendo com que diminuam os atos de xenofobia e preconceito com relação ao venezuelano que migrou para Roraima.

Ressaltamos também, que a metodologia utilizada de forma empírica será aprimorada no decorrer da pesquisa, após estudos mais aprofundados sobre o tema e os teóricos que contribuem em tal campo de pesquisa. Outra etapa desta pesquisa visa identificar se os discursos contidos nos textos midiáticos do Portal de Notícias G1 Roraima, recortados no espaço temporal do ano de 2016, criam imagens positivas ou negativas das populações migrantes ou se, ainda, há um ou mais conflitos das imagens criadas, como observamos apenas ao analisar os comentários de apenas uma reportagem.

## 5. Referências bibliográficas

CAVALCANTI, Leonardo; OLIVEIRA, Antonio Tadeu; TONHATI, Tânia (Orgs.) A Inserção dos Imigrantes no Mercado de Trabalho Brasileiro. Cadernos OBMigra, Ed. Especial, Brasília, 2015.

ESCOSTEGUY, Ana Carolina. **Cartografias dos estudos culturais – Uma versão latinoamericana**, 2010. Disponível em: <[https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/3363368/mod\\_resource/content/1/estudos\\_culturais\\_ana.pdf](https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/3363368/mod_resource/content/1/estudos_culturais_ana.pdf)>. Acesso em: 8 de setembro de 2017.

Editoria Mundorama. **O transbordamento no Brasil da tensão na Venezuela**, por João Carlos Jarochinski Silva. Mundorama - Revista de Divulgação Científica em Relações Internacionais. Disponível em: <<http://www.mundorama.net/?p=23850>>. Acesso em 20 de agosto de 2017.

\_\_\_\_\_. **Venezuelanos em Roraima: migração no extremo norte do país**, por Gustavo Simões. Mundorama - Revista de Divulgação Científica em Relações Internacionais. Disponível em: <<http://www.mundorama.net/?p=23834>>. Acesso em 20 de agosto de 2017.

FRANÇA, Vera Veiga. **O objeto e a pesquisa em comunicação: uma abordagem relacional**. In: MOURA, Cláudia Peixoto de; LOPES, Maria Immacolata Vassallo de (Org.). In: **Pesquisa em comunicação: metodologias e práticas acadêmicas** – Porto Alegre: EDIPUCRS, 2016.



HANNERZ, Ulf. **Fluxos, fronteiras, híbridos: palavras-chave da antropologia transnacional.** Mana vol.3 n.1 Rio de Janeiro Apr. 1997. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0104-93131997000100001](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-93131997000100001)>. Acesso em: 20 de agosto de 2017.

HALL, S. **A identidade cultural da pós-modernidade.** Rio de Janeiro: DP e A, 2006.

MARCO, Daniel García. Os 'talebãs' da gasolina que enriquecem em cidade venezuelana na fronteira com o Brasil. Jornal BBC, editoria Brasil. Publicado em: 28/03/2017. Disponível em: <<https://www.bbc.com/portuguese/internacional-39404036>>. Acesso em: 10 de junho de 2018.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. **De los medios a las mediaciones:** Comunicación, cultura y hegemonia. GG MassMedía, 1991.

MOLEIRO, Alonso. A economia venezuelana, em estado de coma. Jornal El País, editoria Internacional. Publicado em: 7/01/2018. Disponível em: <[https://brasil.elpais.com/brasil/2018/01/05/internacional/1515108139\\_270673.html](https://brasil.elpais.com/brasil/2018/01/05/internacional/1515108139_270673.html)>. Acesso em: 10 de junho de 2018.

PAIVA, Rafael Bianchini Abreu. A tragédia econômica venezuelana. Revista Carta Capital, editoria Economia. Publicado em 30/08/2017. Disponível em: <<https://www.cartacapital.com.br/blogs/conjunturando/a-tragedia-economica-venezuelana>>. Acesso em: 2 de junho de 2018.

PMBV - Prefeitura Municipal de Boa Vista. **Prefeita apresenta resultado do mapeamento de venezuelanos que vivem em Boa Vista.** Publicado em 18/06/2018. Disponível em: <<https://www.boavista.rr.gov.br/noticias/2018/06/prefeita-apresenta-resultado-do-mapeamento-de-venezuelanos-que-vivem-em-boa-vista>>. Acessado em: 15 de junho de 2018.

RODY, Gustavo Carino. Entenda os motivos da crise na Venezuela. Portal Politize! Publicado em 1/08/2017. Disponível em: <<https://guiadoestudante.abril.com.br/blog/atualidades-vestibular/entenda-os-motivos-da-crise-na-venezuela/>>. Acesso em: 5 de junho de 2018.

SANTOS, Alexandre F. P. dos., ANJOS, Jeniffer Natalie S. dos., SENHORAS, Elói Martins. **SECURITIZAÇÃO ENERGÉTICA NA FRONTEIRA BRASIL-VENEZUELA: UMA DISCUSSÃO SOBRE O COMPLEXO DE GURI.** Anais do I Seminário Internacional: As Fronteiras da Interdisciplinaridade e a Interdisciplinaridade das Fronteiras, 2012, UFRR, Boa Vista- Roraima. Disponível em: <<http://ufr.br/ppgsof/index.php/component/content/article.html?id=16>>. Acesso em: 2 de junho de 2018.

SIMÕES, Gustavo da Frota (Org). **Perfil Sociodemográfico e Laboral da Imigração Venezuelana no Brasil.** Editora CRV, Curitiba, 2017.

SILVA, J.C.J., BÓGUS, L.M.M. e SILVA, S.A.G.J. Os fluxos migratórios mistos e os entraves à proteção aos refugiados. REBEP - Revista Brasileira de Estudos de População,



2017. Disponível em: <<https://www.rebep.org.br/revista/article/view/837>>. Acesso em 15 de setembro de 2017.

VAZ, Alcides. **A crise venezuelana como fator de instabilidade regional: perspectivas sobre seu transbordamento nos espaços fronteiriço**. Centro de Estudos Estratégicos do Exército. Análise Estratégica, nº 02, 2017.